3 1761 06555030 3

BRIEF

BR

0000991

MEMORIA HISTORICA

SOBRE A FUNDAÇÃO

DA

SÉ DE EVORA

E SUAS ANTIGUIDADES

POR

Antonio Francisco Barata

1876

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

MEMORIA HISTORICA

SOBRE A FUNDAÇÃO

DA

SÉ DE EVORA

MEMORIA HISTORICA

SOBRE A FUNDAÇÃO

DA

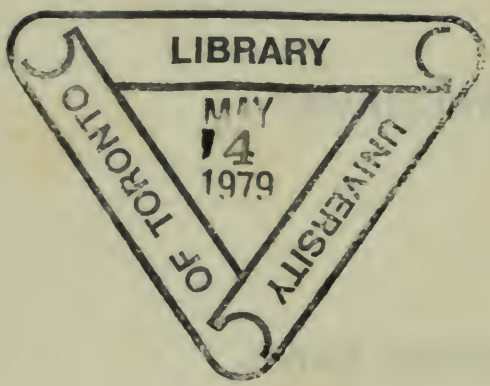
SÉ DE EVORA

E SUAS ANTIGUIDADES

POR

Antonio Francisco Barata

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1876



LIBRARY
MAY 14 1979
UNIVERSITY OF TORONTO

Brit
BR
[illegible]

Á

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

DO

INSTITUTO DE COIMBRA

O. D. C.

O SEU SOCIO CORRESPONDENTE

Antonio Francisco Barata.

I

Evora [1], a capital antiquissima das provincias áquem do Tejo, a dilecta de Sertorio e dos povos que anteriormente e depois d'elle aqui estanciaram, ainda hoje offerece ao exame do antiquario preciosos fragmentos de sua passada grandeza civil, e mesmo de sua pagã religiosidade.

O templo romano de *Diana* ou de outra divindade; os cippos, com memorias votivas e mortuarias lembranças; os fortes restos da muralha romana, e não poucos fragmentos de custosos edificios já do grande povo, já dos arabes, dentro da cidade e nos campos adjacentes indubitavel tornam a sua existencia antiquissima [2].

---

[1] Bochart, citado por Florez, na *España Sagrada*, diz que Ibura em Syro e Hebreu quer dizer *annona e abundancia de fructos*, e que foram os Phenicios que introduziram a voz. — Tomo 14, pag. 104.

[2] Da antiguidade pagã d'esta cidade alguns documentos apparecem ainda hoje, existindo outros nas inscripções e nas moedas.

LABERIAE L . F .
GALLAE FLA
MINICIAE . MVNIC .
EBORENSIS FLA
MINICAE . PROVIN
CIAE . LVSITANIAE
L . LABERIVS . ARTEMAS
L . LABERIVS . CALLAECVS

Não succede, porém, o mesmo com respeito á sua egreja nos primeiros dias da christandade.

A piedosa lenda do martyrio de alguns sanctos, e da prégação da sã doutrina do Redemptor em terras tão occidentaes logo na infancia do Christianismo com a maior reserva deve ser considerada [1].

Prenda-se a cadeia prelaticia de Evora christã a S. Mancio, como quer a lenda religiosa, que nenhum mal advem por isso; mas saiba-se que os Martyrologios e as Actas do Sancto não determinam nem o tempo do martyrio nem, com exactidão, o logar [2].

Não é preciso, porém, para que a cidade de Evora se ostente uma das primeiras da christandade recorrer á lenda e tradição, ao milagre e ao martyrio de seus sanctos.

No anno em que se celebrou o Concilio de Eliberi, Elvira ou

L . LABERIVS . ABASCANTVS

L . LABERIVS . PARIS

L . LABERIVS . LAVSVS . LIBERT .

Grut. 323–7.

Diversas moedas se conhecem fallando de Evora, por exemplo:

PERM . CAES . AVG . M . P .

LIBERALITAS IVLIA EBOR .

D. Ant. Agostinho — *Dial.*

RECAREDVS REX — ELBORA JVSTVS

Morales — *Hist.* 3.°–103.

EGICA REX — ELBORA PIVS .

S. de Faria — *Not. de Port.*, 169.

SISEBVTVS REX — CIVITAS ELBORA .

Idem, pag. 162.

LEOVIGILDVS REX — ELVORA JVSTVS .

D. Ant. Agostinho — *Dial.*

[1] «Ainda que seja tradição o ter vindo Sant'Iago á Hespanha, e que algumas egrejas de Portugal queiram deduzir a sua origem dos Apostolos, ou de seus immediatos Discipulos, comtudo, não ha para o asseverar fundamentos que mereçam fé.»

M. A. Coelho da Rocha — *Ensaio etc.*, pag. 13.

[2] V. Florez — *España Sagrada*, tomo 14.

Granada, em 303 depois de Christo, já esta cidade, a par dos templos gentilicos, com sua architectura majestosa nos porticos, nas columnas, nas cimalhas e frontões alteava a sua egreja christã, encimada pelo emblema sagrado, que, se fôra, como foi, equuleo do Salvador do mundo, tem sido e será sempre o sacratissimo palladio da christandade.

No Concilio de Elvira appareceu o bispo de Evora QUINCIANO.

Ora, se no anno 303 já Evora christã se representava naquella reunião de prelados, natural é que não fosse o primeiro bispo de Evora aquelle *Quinciano,* mas um continuador da missão evangelica, por ventura começada em S. Manços [1].

No seculo immediato não conhece a historia prelado algum da egreja de Evora, guardando, comtudo, na inscripção seguinte memoria do culto que no Alemtejo se prestava á doutrina do Martyr do Golgotha:

DOMITIA
P . VIXIT
AN . NUM
M . IIII . DXIIII .

Esta inscripção lapidar é o mais antigo monumento que, em terras transtaganas, nos certifica do culto e ritos christãos [2].

---

[1] Idem, quando tracta da egreja de Evora.

[2] Diz Faria e Sousa na *Europa Portugueza,* tomo 1.º, que era costume

O notavel emblema, ingenhoso na simplicidade, diz assim: *Jesus Christo, eterno, principio e fim de todas as cousas* [1].

No seculo VI dois prelados conhecemos da Egreja de Evora: *Juliano* e *Zozimo*.

Do ultimo d'aquelles prelados se lê a assignatura nas actas do III Concilio de Toledo, em 597, e do primeiro ainda hoje se guarda na capella do bispo D. Pedro IV, na claustra da sé, a campa veneranda.

Adquirida em tempo de André de Rezende pelo erudito antiquario, e depois por D. Frei Manuel do Cenaculo, por este prelado foi ella offerecida ao seu cabido em 1802, o qual a mandou embeber em uma parede da referida capella [2].

André de Rezende no capitulo X da sua *Historia de Evora* apresenta esta inscripção depois da que começa: *depositio etc.* e diz: «En minha casa tenho dous letereiros de letras já barbaras, & mal feitas: mas que eu muito estimo por daren testimunho da nossa antiga christandade.»

---

aquelle modo de começarem as inscripções christãs, ao modo por nós empregado nos seculos XVII e XVIII D. O. M. *Deo. Optimo. Maximo;* e apresenta uma inscripção que existia em 1600 juncto a Tarouca, a qual, reduzida ás naturaes proporções, dizia assim:

α ☩ ω

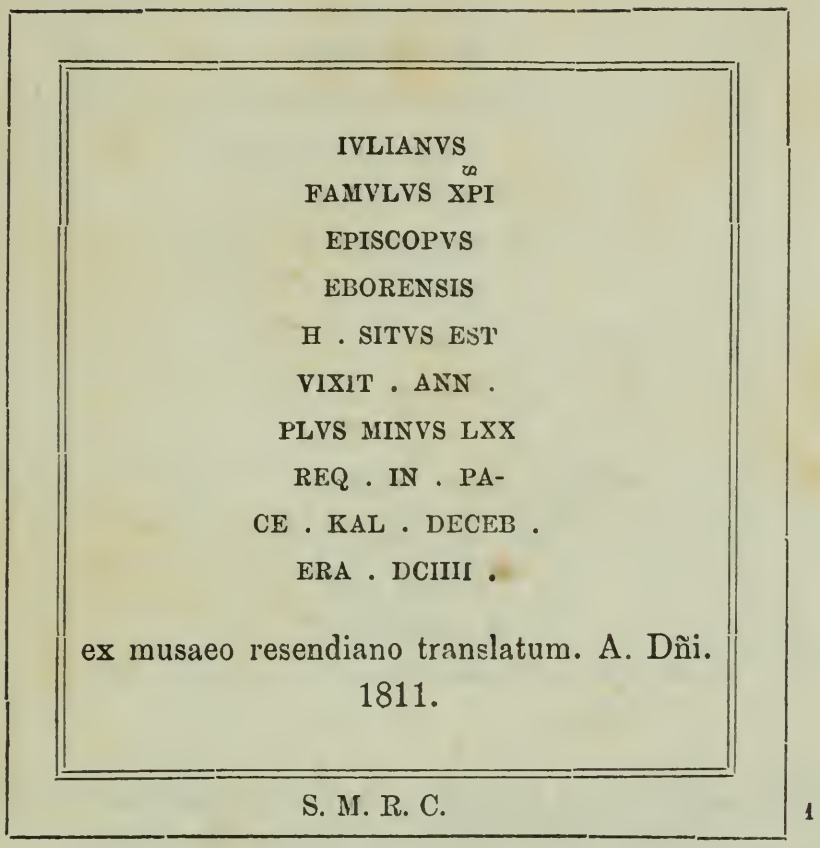
FLORENTIA . VIRGO . XPI . VIXIT .
ANN . XXI . ET . VITA . BREVI . EXPLEVIT
TEMPOR . MVLTA . OBDORMIVIT .
IN . PACE . IESV . QVEM . DILEXIT
KAL . APRIL . E . DCXXVI .

A inscripção de Domitia appareceu juncto de Villa-Viçosa.

[1] V. *Esboços chronologico-biographicos dos prelados da egreja de Evora*, pag. 8, pelo auctor d'este trabalho.

[2] V. *Breve memoria historica de algumas antiguidades e prelados da sé eborense*, por Bento Affonso Cabral Godinho, pag. 4. Coimbra, 1836.

Diz assim a campa do bispo:

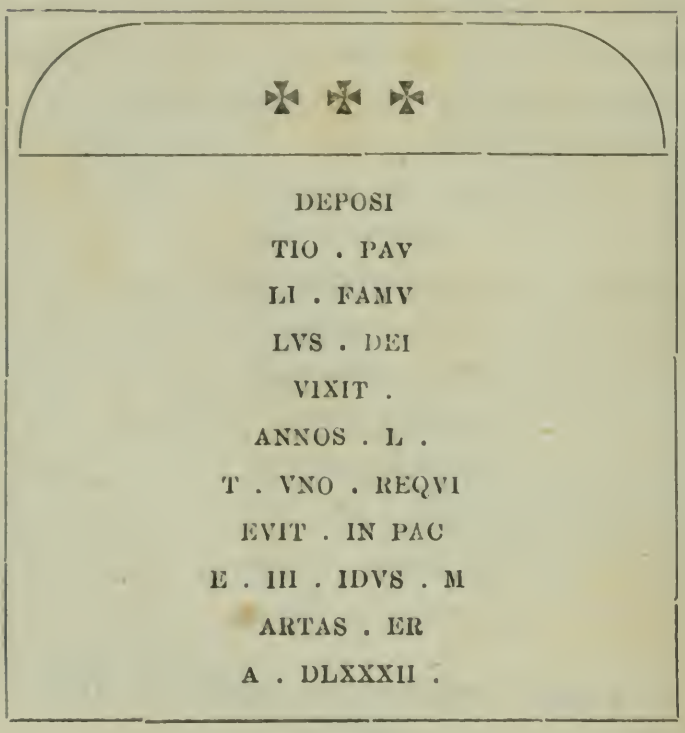


Mais duas inscripções se conservam ainda do mesmo seculo, attestando similhantemente a profissão de nossas crenças religiosas em terras do Alemtejo.

---

[1] Evidentemente a commemoração final: *ex musaeo etc.*, devia ser gravada em 1811, assim como as quatro letras finaes S. M. R. C. teriam sido mandadas gravar por André de Rezende na orla em que estão; e, alludindo aos reparos na pedra feitos, pois tem embutidos dois bocados de pedra de diversa qualidade, sobre os quaes se restauraram algumas letras, dirão, talvez, como lembra o sr. G. Pereira: *suo munere Resendius curavit.*

Tinha André de Rezende esta primeira lapida em sua casa:



[1]

D'este modo se lê a segunda, guardada similhantemente á primeira, na collecção epigraphica, no jardim da cidade:

DVM SIMVL DLCE
M CVM VIRO CARPE
RE VITAM ‹
ILICO ME FORTVNA TV
NA TVLIT SEMPER NOX
SEA CVNTIS ‹
VITA DVMVIX VENANTIA
NOMEN IN SECVLO GESI ‹

[1] V. *Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo*, do sr. dr. A. F. Simões.

TER DECIEN QATER INPA
CE QVIETOS PERTIV ANNOS
VLTIMVM IAM SOLVI DE
VITVM COMVNEM OMNI
BVS VNVM ꝫ HOC
LOCO ERGA MEOS ELECV
QVIESCERE PROLES ꝫ
... NDVM QVOS DOMINVS
... CAVIT PVRGATOS VN
... LABACRI ꝫ REQVI
... T IN PACE SVBTER DIEM XI
... FEBRVAR ER DCXXXI [1].

De todo o seculo VII se conservam memorias da egreja eborense: *Sisiclo* assiste ao IV Concilio de Toledo, em 633; ao oitavo assiste *Abiencio,* no anno de 646; *Zozimo* II subscreve o X, em 656; *Pedro* acha-se no de Merida, em 665; *Tructemundo* não falta ao XII de Toledo, em 681, ao XIII, em 683 e ao XV, em 688; e, finalmente, *Arconcio* subscreve o XVI, em 693 [2].

Sete annos depois rolava sobre a peninsula a onda assoladora da invasão de Tarik e de Musa, transposto o fragil dique nas margens do Chryssus, e nella submergida era a dynastia dos godos, que por tres seculos reinara nas Hispanhas, filha da conquista, agora d'ella vencida!

---

[1] V. *Noticias archeologicas de Portugal*, por E. Hübner, onde vem a leitura d'esta inscripção, hoje mutilada, porque, começando a demolição das paredes adventicias do templo romano, chamado de Diana, em 17 de junho de 1870, e estando então alli o *Museu Cenaculo,* a pedra em que se lê esta inscripção soffreu a pancada de uma outra, que de cima fôra mal despedida pelos demolidores, e partiu-lhe a parte superior. Mandaram-se guardar os fragmentos para se lhe juntarem com apropriado betume; mas, até hoje permanece incompleta, perdidos, talvez, os bocados que se conservavam na casa do guarda do jardim da cidade. A inscripção de Venantia appareceu no monte da Asinheira perto de Reguengos.

[2] *Esboços chronologico-biographicos*, pagg. 8 e 9.

O alfange mahometano cortara despiedado todos os laços sociaes no frenesi do triumpho e na sêde da pilhagem, e interrompera a serie dos prelados da egreja de Evora por mais de tres seculos [1].

Se durante o dominio dos arabes a egreja eborense teve prelados legitimamente eleitos e confirmados não se póde saber ao certo, como não menos exacto é o terem os mouros consentido o culto christão, embora a custo de pesados tributos, em toda a peninsula conquistada [2].

As grandes perturbações nascidas da invasão arabe acabaram com algumas egrejas e suspenderam outras [3].

A tolerancia religiosa dos mouros para com os christãos, quando

---

[1] «Arconcio... y este es el ultimo de los antigos eborenses pues seguindo-se luego la entrada de los saracenos en España entró la turbacion, y fin, ó suspension de varias sedes.»

Florez — *España Sagrada*, tomo 14, pag. 122.

[2] «Os christãos conservaram por toda a parte o livre exercicio de sua religião.» Coelho da Rocha — *Ensaio etc.*, pag. 38.

«Aos christãos... se assegurou a conservação dos bens e a livre profissão do Christianismo, obrigando-se os novos senhores da Hispanha a respeitar-lhes os logares sagrados e o sanctuario domestico. O tributo que em compensação exigiram foi moderado e proporcional ás riquezas dos individuos.»

Sr. A. Herculano — *Hist.* 3.º, pag. 168.

«Por outra parte a tolerancia d'estes chegara ao ultimo auge. Limitadas no principio a um certo numero, as egrejas e mosteiros multiplicavam-se por toda a parte, e as antigas parochias ornavam-se e accrescentavam-se com os primores da arte oriental. Providos em cargos civis, admittidos ao serviço militar, para o qual preparava os mais nobres a educação recebida nos paços do kalifa de Cordova, nas exterioridades os hispano-godos só se destinguiam pela differença dos logares onde adoravam a Deus. A voz do almuadden chamando os moslems á oração misturava-se com a do sino que annunciava aos nazarenos a hora das solemnidades do culto. Dirigindo-se á basilica o bispo perpassava pelo iman que se encaminhava para a mesquita: o presbytero cruzava com o mohhadi.»

Sr. A. Herculano — *Hist.* 3.º, pag. 175.

[3] «Desde a morte de Fernando Magno a diocese do Porto, como quasi todas as dioceses do moderno Portugal, carecia de bispos.»

Idem, tomo 1.º, pag. 237.

não fosse nascida dos interesses tributarios, ou mesmo de algumas affeições de mouros a mulheres christãs [1], certamente o seria da prudente idêa de a empregar como arma politica das mais bem temperadas, se não para uma sonhada assimilação de crenças tão inimigas, ao menos para o consentimento mutuo do exercicio de seus cultos, com socegada e pacifica indifferença.

Se bem que não se possa explicar o facto de não haver memorias de bispos eborenses durante trezentos annos, admira um pouco tão absoluta carencia de memorias christãs da egreja de Evora durante a dominação mussulmana; e mais facil nos é o acreditar que no archivo da sé existam alguns documentos, ao menos d'aquelles ultimos tempos, do que admittir a christandade de Evora privada de pastores consoante os tivera sempre desde o anno de 303, quando menos [2].

O punhado de godos refugiados nas serranias das Asturias começara á voz de Pelagio uma cruzada contra os mouros, e os seus descendentes por fórma foram impellindo contra o mar os conquistadores na lucta enormissima de seculos [3], que o filho do

---

[1] «Abdu-l-azir, filho de Musa, era tolerante com os christãos, talvez porque amasse Egilona, viuva de D. Rodrigo, ultimo rei godo, com quem chegou a casar.» Idem, tomo 1.º, Introducção.

[2] Este archivo, que se julga numeroso, é desconhecido. Existe por cima da casa capitular, em uma sala mandada fazer em 1462, como se vê d'este apontamento por letra do seculo passado: «A livraria em cima da casa do cabido foi mandada fazer pelo sr. Rey D. Affonso v em tempo do Bispo D. Vasco 2.º em 1462 de J. C. como o m.mo Bp.º declara em hua carta de compoz.am feita com os Erdeiros de Vasco Miz de Mello, Alcayde Mor desta cid.e por causa da mudança da sepultura e ossada do m.mo V.co Miz de Mello para outro lug.r da capella das 11$ Virgens, hoje do Santo Christo por estar enterrado juncto a porta serventia p.a o cab.º e se mudou p.a a p.te do Evang.º e se conserva em hum Moimento na parede como prezentem.te está. Existe esta carta de compoz.am no L.º 4.º dos originaes, folhas 112.»

[3] «Os diversos governadores arabes das provincias, guerreando-se e dizendo-se independentes deram aso a que os christãos das Asturias regidos por Affonso I descessem das montanhas e dilatassem seus estados.»

Sr. A. Herculano — *Hist.* 1.º

conde D. Henrique de Borgonha consegue entrar as portas da mourisca Evora, em 1166, auxiliado do famoso capitão de salteadores, Giraldo sem Pavor [1], e vem reatar em Evora a scindida cadeia prelaticia com a nomeação do bispo D. Paio, a qual sem interrupção se tem continuado até ao presente, já na serie dos bispos, já na dos arcebispos.

É na primeira d'estas series de prelados que teremos de considerar a fundação da actual sé de Evora.

---

[1] «Era 1204 civitas Elbora capta & depraedacta & noctu ingressa á Giraldo cognominato sine pavore, & latronibus sociis ejus & tradidit eam Regi D. Alfonso, & post paululum ipse Rex cepit Mauram & Serpam & Alconchel, & Coluchi castrum mandavit reedificare anno regni 39.»

Chronic. Lus. no tomo 14 da *España Sagrada*, pag. 428.

«In era 1204 dedit Dominus civitatem Elborae, Mauram, Serpam ad Regiam Aldefonsum.»

Livro da Noa de Sancta Cruz, cit. na *Chron. de Sancto Agostinho.*

O Foral dado a Evora por D. Affonso Henriques diz assim: «... volumus restaurare atque populare Elboram que á Sarracenis *abstulimus.*»

Port. Monumenta — Leges et consuetudines, fasciculo III, pag. 392.

II

A egreja cathedral de Evora é, sem contradicção nenhuma, um dos mais bem conservados monumentos do estylo ogival primitivo.

Destôa nella, é certo, a capella mór; mas, tão grandiosa é, tão rica de marmores e de trabalhos artisticos, que, no deslumbramento, quasi se perdôa a D. João v o crime de lesa arte e de bom gosto [1].

Nascida não foi com a guerreira dynastia de Affonso; mas, surgiu do solo á voz da religião e da independencia da patria, encimando-se da cruz sacrosancta, coroada de ameias, como se ainda cingira a corôa mural dos romanos, que, bem perto de si, sacrificaram nas aras do irracional paganismo e idolatria no templo romano, em parte subsistente.

---

[1] Vindo a Evora D. João v em 1716, o cabido, que já tinha desde 1703 dezesete mil cruzados, que o arcebispo D. Frei Luiz da Silva deixara em seu testamento para a nova capella mór, pediu ao rei protecção e ajuda para se fazer a nova capella. Annuiu D. João v, e encarregou ao architecto de Mafra, João Frederico Ludovici, de a delinear e mandar construir.

Ludovici veio a Evora em 1717 examinar o terreno e fazer seus estudos, e em 1718 chegou a Evora um aviso do ministro e secretario, Diogo de Mendonça Corte-Real, para se dar começo á obra. Principiou em 6 de setembro, superintendendo os conegos Sebastião de Mira Coelho e Antonio Rosado Bravo, e sendo olheiro para a dirigir Manuel Gomes. O padre Antonio Franco, da Companhia, foi encarregado em Estremoz do arranque da pedra. A branca veio de Estremoz; a vermelha, amarella, e preta, de Cintra e vizinhanças, e a verde veio de Roma. Foram mestres da obra em Evora Manuel Gomes e Manuel da Cruz, sob a direcção de João Frederico Ludovici. Levou bastantes annos a construir, pois que só em 1746 foi sagrada por

Era que a terra da patria que se constituia, livre não era ainda do alfange mahometano: as meias luas do Propheta tremulavam além, nas torres da antiga capital do Algarve, agitadas da brisa do oceano e do vento dos Herminios, imagens ambas da liberdade portugueza.

Preciso era que a cathedral do solo transtagano fosse para os christãos abrigo na paz e na guerra, cenobio e castello, templo e fortaleza.

Assim foi que as egrejas portuguezas, nascidas com a patria, foram embaladas como ella em berços de muralhas, ao som retintinulo de espadas e lanças entrechocando-se, e batendo rijo nas cimitarras e nos escudos da mourisma.

Depois, não: sacudidos do solo da patria no extremo occidente os crentes do Islam; libertado dos inimigos da cruz o pequeno Portugal, lançou olhos ao mar o povo de bravos, á salsa immensidade, além da qual inimigos havia ainda do nome christão.

Os templos modificaram dalli por diante a sua estructura, despida a cota de muralhas. Já não havia mouros na terra da patria, finalmente, constituida em nacionalidade.

A guerra sancta, em nome da cruz e da civilisação, ia prestes

---

D. Miguel de Tavora. Em cento e vinte contos de réis calculam a despesa feita com a capella. Na face posterior tem estas inscripções:

IOANNES . FEDERICUS . LUDOVISIUS . REGIUS . ARCHITECTUS
FUTURI OPERIS . SPECIMEN . ABSOLUTISSIMUM .
AD . QUARTAM . UNDE . QUAQUE . PARTEM . CONTRACTUM
EX LIGNO . ERIGI . CURAVIT . M. D. C. C. X. X. I.

Superiormente a esta inscripção se lê a seguinte:

DEI . MATRI . IN COELVM . ASSVMPTAE .
SANCTIOREM . HANC. BASILICAE . PARTEM .
VETERE . ANGVSTIORIS . FORMAE .
SOLO . AEQVATA .
REGNANTE . IOANNE . V.
SEDENTE . ROMAE . INNOCENTIO . XIII .
SACRVM . EBORENSIVM . CANONICORVM . COLLEGIVM .

rebentar nas ourelas do solo africano. Portugal era pequeno demais para conter os descendentes do bravo Affonso Henriques.

Percorremos fugitivamente na primeira parte d'esta memoria o viver da egreja de Evora desde os mais obscuros tempos até que o estandarte das quinas tremulára hasteado nos muros da torreada cidade, abatido para sempre nella o pendão do crescente.

Menos escura a existencia da sé de Evora depois da conquista, é, comtudo, ensombrada ainda.

Começam a encontrar-se as opiniões ácerca do primeiro bispo depois da conquista, que alguns escriptores querem ter sido D. Soeiro, opinando outros que fôra D. Paio [1].

Pelo que se colhe da nota não se póde duvidar da existencia de D. Soeiro e teremos de o considerar eleito muito antes da conquista de Evora, portanto, em tempo de mouros, e marcar o termo de sua prelasia em 1180 ou 1181. Succedendo-lhe D. Paio, a este prelado se attribue a fundação da presente egreja cathedral [2].

Não ha, porém, uma prova indubitavel de tal affirmação, havendo-as para a considerarmos obra de D. Durando Paes, pelos annos de 1267 a 1283 em que governou esta egreja [3].

Das memorias que nos restam de D. Soeiro II, D. Fernando e D. Martinho, que precederam a D. Durando, nada se colhe com respeito á fundação da sé.

Com as memorias de D. Durando não succede o mesmo. São dois os testimunhos, abertos em pedra, que lhe attribuem obras na sé.

---

[1] Em 1166 assigna D. Soeiro o Foral dado a Evora; em setembro de 1169 assigna em quarto logar no Foral de Linhares; e doze annos depois, em 1181 no Foral que D. Affonso Henriques deu a Melgaço já em quarto logar D. Paio se assigna d'este modo: *Pelagius electus elborae confirmat.*

Port. Monumenta, nos Foraes citados.

[2] V. Fonseca, na *Evora Gloriosa.*

[3] D. Durando foi eleito por D. Affonso III. A este respeito diz o sr. A. Herculano: «Effectivamente Durando Paes, privado seu, e um d'aquelles ministros que se chamavam *clerigos del Rei* fôra promovido á sé eborense.»

*

Os jesuitas Fialho e Fonseca, estribando-se em uma memoria do *Livro velho dos anniversarios,* querem que D. Paio fundasse a sé. Diz assim a passagem, falando do Bispo: «*que fôra o primeiro bispo de Evora, e que por elle se faça cada anno hum aniversario em dia de S. Manços, que he a* XXI *dia de Maio, no qual dia elle pos a primeira pedra por fundamento a esta see, no Esteo onde está o altar de S. Manços e jaz de traz do ditto Esteo e Altar, na Capella de S. Joham. Foi esta Igreja fundada na Era de 1224.*» [1]

Em vista dos monumentos, que brevemente se verão, e de começar a memoria por chamar primeiro bispo a D. Paio quando foi o segundo, quer o primeiro fosse de nomeação de Affonso Henriques quer não, leva-nos a suspeitar da veracidade de tal memoria, maiormente havendo desapparecido da sé aquelle *Livro dos Anniversarios,* e não podendo, conseguintemente, por um exame nelle feito acceitar-se-lhe a authenticidade [2].

Mas passemos já a produzir os monumentos que existem em favor de D. Durando.

Seja o primeiro a inscripção que existia na capella mór antiga, e que em 1718 passou para a nova capella do Sanctissimo, onde se conserva embutida na parede da parte da epistola:

QUAM : LOCUPLETAVIT : PRAECIBUS : AEDIFICAVIT :
HANC : PRAESUL : SEDEM : DURANDUS : QUEM : TENET :
HUNC : SUBLIMATUM : SALVATOR : ET : INCIPIAVIT :
LUTUS : ABSQUE : MORA : PLACITI : SIC : POSTERIORA :
CERNENTES : LAPIDEM : DICANT : DEUS : HINC : MISERERE :
NOSCENTES : VERE : QUID : VENIENT : AD : IDEM :
ANNIS : MILLENIS : TER : CENTUM : BISQUE : DENIS :
UNO : DECESSIT : APRILIS : LUCE : SECUNDA :

---

[1] V. *Descripção da egreja cathedral de Evora,* por D. João da Annunciada, pag. 7.

[2] D'este *Livro dos Anniversarios* existe uma copia feita por letra do penultimo arcebispo, D. José Antonio da Matta e Silva. Sendo má a calligraphia, não sabemos se assim será a copia.

Versão:

«Aos 2 de Abril de 1321 chamou o Salvador para a gloria o prelado Durando, que edificou e enriqueceu por meio de esmolas esta sé. Todos voluntariamente se vestiram de luto. Assim, todos os que de futuro virem esta lapida, e os que d'ella tiverem conhecimento digam: ó Deus tende misericordia d'elle.» [1]

Esta traducção, feita em Coimbra por um paleographo e antiquario distincto, o sr. reverendo Manuel da Cruz Pereira Coutinho, a pedido do sr. dr. Augusto Filippe Simões, não fala em *reedificação* da sé, no todo ou em parte, mas sim da *edificação* por meio de esmolas.

A circumstancia de se considerar ou arruinada ou deficiente a capella mór de uma sé, que não contaria muito mais de oitenta annos, ou nem tanto, a crermos que D. Durando só reedificára a dicta capella mór, leva-nos a não admittir similhante reedificação, e a acceitar como fundador de toda a egreja a D. Durando.

Accode em nosso auxilio a segunda inscripção, gravada ao longo da campa que cobriu o moimento d'aquelle prelado, na demolida

---

[1] V. *Archivo Pittoresco*, vol. 11.º

Parece que a palavra *annis* da inscripção se deve considerar como se fôra *era;* porque, morrendo D. Durando em 2 de abril de 1283, como affirma D. Rodrigo da Cunha, na *Historia Ecclesiastica da egreja de Lisboa*, pag. 199, com o que concorda o *Livro da Noa* de Sancta Cruz de Coimbra, sem dizer o anno: *quinto idus Septembris obiit D. Durandus Prior Monasterii Santae Crucis*, citado por D. Nicolau de Sancta Maria na Chronica de Sancto Agostinho, tomo 2.º, pag. 231, e fallecendo o seu successor, D. Domingos Annes Jardo em 16 de dezembro de 1293, em Lisboa, para onde fôra de Evora em 1289 confirmado bispo d'aquella cidade por Nicolau IV no segundo anno do seu pontificado, por Bullas de 7 de outubro, segue-se que a morte de D. Durando deve ser collocada anteriormente a 1289, anno em que D. Domingos Annes Jardo passou para Lisboa, por tanto, em 1283, que são da era de Cesar 1321, achando-se d'este modo na inscripção a palavra *annis* em logar de era.

capella mór até 1718, e que está na claustra da mesma sé. Em uma só linha se lê em gothico redondo ou monachal:

HIC ⁝ QUIESCIT ⁝ BONE ⁝ MEMORIAE ⁝ DOMINUS ⁝ DURANDUS ⁝ EPISCOPUS ⁝ ELBORENSIS ⁝ QUI ⁝ DEDIT ⁝ INICIUM ⁝ HUIC ⁝ OPRI ⁝ CUJUS ⁝ ANIMA ⁝ REQUIESCAT ⁝ IN ⁝ PACE ⁝ DEI ⁝ [1]

As palavras: *qui dedit inicium huic opri,* no seu latitudinal sentido de todo o ponto nos determinam na opinião que seguimos, havendo perfeita harmonia entre uma e outra inscripção.

Isto posto, a actual sé de Evora é fundação do seculo XIII e do bispo D. Durando Paes [2].

Se bem que a claustra d'esta sé pareça obra do mesmo tempo, um seculo, aproximadamente, a separa da fundação do templo.

Foi o bispo D. Pedro IV, eleito de Cuenca, quem a fundou pelos annos de 1330 a 1388 [3].

Alli instituiu elle duas capellas, que grandemente dotou, em uma das quaes dorme o derradeiro somno, com esta letra aberta

---

[1] V. *Artes e Letras* de 1873, pag. 129, onde se publicou pela primeira vez.

Não se póde reproduzir na fórma em que está escripta por falta de typos. Desdobram-se as palavras.

[2] «O quinto anniversario ordenado para o dia 29 de novembro no livro respectivo, diz: *Item no dicto dia fazem anniversario por Martim Domingues que foi mestre da obra.*»

«No tempo do bispo D. Durando, diz o sr. dr. A. F. Simões no *Almanach do Sul*, pag. 145, o architecto Domingos Domingues construia o claustro de Alcobaça. Seria parente do architecto da sé de Evora, cujo busto de pedra se conserva por cima de uma das naves?»

[3] «Sobre a obra do claustro da sé se vê no livro da pasta preta f. 53 hua escri.ª feita em 11 de agosto da era 1346 (anno 1381) ms. f. 120.»

Copia de uns ms. que temos por letra do seculo passado.

em marmore no fundo do ediculo, em que na campa avulta a sua estatua:

E ⁝ M ⁝ CCC ⁝ LXX ⁝ VIII ⁝ ANOS ⁝ SABADO ⁝ PM.
EIRO ⁝ DIA ⁝ DE ⁝ IVLHO ⁝ PASOV ⁝ DOM ⁝ P° ⁝ BPO
DEVORA ⁝ ELLTO ⁝ Q ⁝ FOI ⁝ DE ⁝ CONCA ⁝ O ⁝ QVAL
FOI ⁝ BPO ⁝ XVII ⁝ ANOS ⁝ ƺ ⁝ X ⁝ MESES ⁝ ƺ ⁝ VIII ⁝ DI
AS ⁝ ƺ ⁝ FVNDOV ⁝ ESTA ⁝ CRASTA ⁝ ƺ ⁝ MANDO
V ⁝ FAZER ⁝ ESTA ⁝ CAPELA ⁝ ƺ ⁝ ESTE ⁝ MVIMTO
EN ⁝ Q ⁝ IAZ ⁝ ENTERRADO ⁝ AO ⁝ QVAL ⁝ BPO ⁝ DE
VS ⁝ PERDOE ⁝ ƺ ⁝ RECEBA ⁝ A ⁝ SVA ⁝ ALMA ⁝ CON O
S ⁝ SEVS ⁝ SANTOS ⁝ NA ⁝ GLIA ⁝ DO ⁝ PARAI
SO ⁝ AME ⁝ ESTA ⁝ ERA ⁝ MADOV ⁝ POER ⁝ MAR
TIN ⁝ ORTIZ ⁝ CRIADO ⁝ DO ⁝ BISP° ⁝ DM° ⁝ P°

Se o interposto seculo á fundação da sé e da crasta nos não apresentasse tanta consonancia no estylo architectonico, considerariamos do mesmo tempo umas estatuetas do Apostolado á entrada do portico profundo da sé, e as dos Evangelistas, que existem na claustra [1].

Antes de fazermos menção de algumas antiguidades mais da sé, diremos ainda que a capella chamada do *Esporão* não é, nem póde ser da primitiva, mas evidentemente do seculo XVI. É no

[1] «O claustro da sé de Evora foi edificado no seculo XIV pelo bispo D. Pedro. As estatuas dos Evangelistas, que estão no claustro, comparadas com as dos Apostolos da porta principal são muito similhantes. Os lavores de alguns capiteis de marmore tambem. Por todas estas razões concluiremos que a sé de Evora foi edificada no seculo XIII (depois de 1267) e não no seculo XII, como se julga.» — Sr. dr. A. F. Simões — *Almanach do Sul*, pag. 145.

As estatuas dos Apostolos e as dos Evangelistas podem, realmente, ser do mesmo tempo, posteriores á fundação do templo. Uma detida observação isto persuade ou insinúa.

estylo da renascença. A sacristia não parece tambem dos primeiros tempos, assim como a capella de S. Lourenço. Um exame exterior no edificio de prompto convence ao animo observador.

Julgamos haver dicto o bastante para se conhecer da antiguidade do edificio, em que teremos de considerar não poucas cousas interessantes.

Onde se fariam, porém, os officios religiosos antes da fundação da sé, dado que esta seja obra de D. Durando, como cremos?

Póde-se responder a esta pergunta, e passamos a fazel-o; mas de um modo pouco satisfactorio por falta de documentos.

Se na mesquita dos mouros, sagrada pelos christãos em 1166 se celebraram os officios religiosos; se na egreja mozarabe, que se julga ter existido na rua da Mesquita; se em alguma egreja, embora pequena, construida depois da conquista e antes d'esta sé, pontos são incertos por nebulosos.

Duvida nenhuma resta de que no logar em que está a Bibliotheca Publica existiu uma egreja. D'ella nos falam alguns escriptores, e alli se descobriram em uma parede, no anno de 1872 arcos ogivaes, e num d'elles um tumulo, que, por cima, na parede, tinha esta inscripção:

: E : M : CC : L : XXX :
: IX : VIIII : KL :
: NOVENBRIS :
OBIIT : FER
NAMDVS :
COLLVS :[1]

De cantaria são algumas paredes interiores, havendo numa embutida uma pedra marmore com as armas reaes portuguezas,

---

[1] O tumulo sobre o qual se lia esta inscripção guarda-se hoje na collecção epigraphico-archeologica ao rez do chão do palacio de D. Manuel, no jardim da cidade, e esta inscripção na Bibliotheca de Evora.

talvez do tempo de D. Fernando, e topando-se em volta quantidade grande de ossos humanos.

André de Rezende diz a este respeito o seguinte: «Entre tanto ha see se edificaua hos diuinos officios se celebrauam en hũ edificio que para ipso logo ij juncto se fez, que depois servio de camara da cijdade, & logar de relaçam. E non sei con quanta honestidade a cijdade ho deu ao secretario para usos profanos, stando dentro muitas sepulturas de muitos que partirõ de seus bẽs con ha egreja.» [1]

Se aquella construcção foi uma egreja, christã sería e construida depois da conquista; mas, teria sido uma primeira sé, ou egreja fundada provisoriamente para o culto divino durante a feitura da presente cathedral?

Não o sabemos ao certo, propendendo para crer que fosse, de facto, uma primeira sé, fundada logo em 1166, se não anteriormente, pelos christãos de Evora. A inscripção alli posta sobre o tumulo de Fernando Coelho, ou Collo, como se lê no *Livro dos Anniversarios* a seu respeito, da era de 1289 (anno 1251), setenta annos anterior á do bispo D. Durando, para isso nos inclina.

Dicto o bastante sobre a fundação da sé, passemos a tractar de algumas de suas antiguidades, entrando para isso pela porta principal. Antes de a transpor, topamos ao lado direito esta breve inscripção, em um tumulo antigo, mettido num ediculo:

É em characteres gothico-quadrados:

anniuerssairo : por : mẽ : pi3 : pestana : caualeiro : S

Na parte esquerda, tambem num tumulo e no mesmo character de letra, se lê a seguinte:

anniuerssairo : por : fernã : domig3 : conig̃ :

[1] V. *Historia das Antiguidades da mui nobre e sempre leal cidade de Evora*, capitulo xv.

Ainda d'este lado se lê uma commemoração da benção, ou sagração da sé depois das obras no seculo passado nestes termos concebida:

HAEC ECCLESIA CATHEDRA-
LIS METROPOLITANA EBORE-
SIS FUIT CONSECRATA AB EX-
CEL.mo ET R.mo DOMINO DONO-
FRATRE MICHAELE DE SOU-
ZA ORDINIS EREMITARUM S.
P. AUGUSTINI ARCHIEPIS-
COPO EBORENSI DIE VIGESI-
MA SECUNDA MAII ANNI
MILESIMI SEPTINGENTESI-
MI QUADRAGESIMI SEXTI. [1]

Subindo pela nave direita, no pavimento da capella da *Cêa do Senhor*, jaz o segundo arcebispo de Evora, com esta letra em campa rasa, para alli removida de outro logar:

S. DE DOM
IOÃO DE ME
LLO ARCE-
BPO DEVORA
FALECEO
A 5 D'AGOS
TO 1S74. [2]

---

[1] Não se conheciam estes tumulos, que recentemente appareceram, sendo por essa occasião removida a pedra commemorativa da sagração para logar mais elevado, visto que ella estava na parede em que existe um dos ediculos.

V. *Almanach do Sul*, pag. 122.

[2] Esta campa foi necessariamente removida de outro logar para alli, pois que ao tempo da morte de D. João de Mello, em 1574, ainda não existiam estas capellas lateraes da Sé, mandadas fazer por D. José de Mello, que foi arcebispo de Evora desde 1611 até 1633.

Na capella de Sancto André, em seguida áquella, existem duas memorias mortuarias. Diz uma d'ellas, mettida na parede:

ANIVERSA
RIO POLO AR
CEBP DOM
MARTINHO
DOLIUEIRA. [1]

No chão, em campa raza, jaz Manuel Severim de Faria. Sepultado primeiramente na Cartuxa d'esta cidade, para a sé e para alli foram trazidos seus ossos em 1839, ao mesmo tempo em que tambem eram removidos de S. Domingos, convento desfeito hoje, os de André de Rezende. Tem esta inscripção a campa:

TRASLADADO EM 1839

---

el
M. SEVERIM. DE FARIA.
o ta
CHANTRE. E C DASSE. DE
VORA. ELEGEO. PARA. SI
a
ESTA. S. ASSI POR DEUA
ÇÃO. COMO POR ESTAR
e
NELLA. O CORPO. DO. P. D.
BAZILIO. DE FARIA. SEV. TI
O E ANTECESSOR. Q. FALE
CEO SENDO PRIOR DESTE
CONVENTO A. 5. DABRIL DE
1625. [2]

---

[1] Foi natural de Evora e arcebispo de Braga.
Damião Antonio — *Aula Politica etc.*, tomo 4.º

[2] V. *Historia abreviada da trasladação dos ossos do Mestre André de Rezende, e do Chantre Manuel Severim de Faria.*
Ms. do cartorio da Camara de Evora, liv. 33 dos Originaes, fl. 205.

*

Defronte d'esta capella de S. Lourenço existe encravada na columna da nave uma pedra representando um brazão de armas dos Oliveiras, contendo em volta estes dizeres em characteres monachaes:

AQUI ⁝ IAZ ⁝ GIRAL ⁝ MARTIZ ⁝ TOSCAO ⁝
E ⁝ MORREO ⁝ E ⁝ M ⁝ III ⁝ LX ⁝ V ⁝ III ⁝ ANOS ⁝
DIA ⁝ DE ⁝ SAN ⁝ MEMEDE ⁝

No cruzeiro e para a banda da *Porta do Sol,* quando se desce para a claustra, vêem-se dois tumulos antigos com estas letras:

aniuerssairo por ssancha glz

aniuerssairo
por mc soares frz

Á direita de quem entra a *Porta do Sol* existe o tumulo do celebre antiquario eborense André de Rezende. Foram para alli trasladadas suas cinzas quando as necessidades de um novo seculo demoliram o convento em que professára. Sepultado em campa raza á entrada da casa do capitulo, a que hoje na sé de Evora lhe cobre os ossos a mesma é que lh'os cobrira em S. Domingos, apenas com outro epitaphio, desfeito o primeiro, ou por gastado dos annos e do perpassar dos frades, ou de proposito para se lhe gravar o que actualmente tem, composto pelo sr. J. H. da C. Rivara, que diz assim:

L. ANDREAE RESENDII
MEMORIAE DICATVM.
EX AEDE DOMINICANA FVNDITVS EVERSA
TANTI VIRI CINERES
IN PERPETVVM GRATI ANIMI MONVMENTVM
CURA ET SVMPTIBVS EBORENSIVM,
QVIBVS DECVS PATRIAE CARVM,
HVC TRANSLATI AN. MDCCCXXXIX. [1]

[1] Ibidem.

Defronte da porta da casa capitular, na capella do *Senhor Morto* ou do *Refugio dos peccadores*, existe um sarcofago mettido na parede, com esta letra:

aniuersairo : por v.co miz de melo. [1]

Encravada na columna do arco da capella do Sanctissimo, que fica á esquerda do visitante, vê-se uma grande inscripção commemorativa da batalha do Salado; muito deteriorada, porém, pelos estragos do tempo, se não dos homens [2]

---

[1] No *Livro dos Anniversarios* topa-se uma commemoração por esta fórma: «No dito dia fazem aniv.º por Vasco Martins de Mello e por Maria Affonso sua molher.» É no dia 29 de novembro.

[2] Vid. pag. seguinte.

E : M : CCC : LXX : VIII : . . . . . ABENAMARI : SENHOR : DA : ALE : DO : MAR : 9FIÃDO : DE : SI : Ƨ :
DO : SEV : GRÃDE : AVER : Ƨ : PODER : PASSOV : A : AQVE : DO : MAR : 9NA : FORRª : FILHA : D : R
EY : DE : TVNIS : PA : PSEG : Ƨ : DESTIR : OS : XPTAAOS : CERCOV : TARIFA : Ƨ : O : SEV : PODER : E : TÃTO : Q : Ñ : PODER :
OSM : CÕTÃTO : PODER : Ƨ : POYS : REY : DÕ : Aº : DE : CASTELA : VIV : Q : Ñ : PODE : SEER : CERTº : OVVE : RECEO : Ƨ : P : SI : VEO : A : PORT :
DEMÃDAR : AIVDA : AO : Qlo : AFº : REY : DE : PORT : SEV : SOGº : Ƨ : AEL : PVGE : MVIT : DELHA : FAZER : CÕ : SEV : CORPO : Ƨ : CÕ :
SEV : PODER : LOGO : SE : TDÃÇA : 9PEÇOV : O : CAMINHO : PA : A : FRÕTEIRA : Ƨ : MÃDOV : Q : OS : SE9 : SE : FOSSE : EN : PO
SEL : DEVORA : LEVOV : C : CAVALRS : Ƨ : Ml : PEÕS : GÕÇALO : STEVEES : CARVOEIRO : FOI : P2 : ALFEREZ : LIDAR : 9 :
OS : MOVROS : Ƨ : ELREI : DE : PORTVGAL : ENTEDEV : EN : REI : DE GRAADA : Ƨ : REI : DE : CASTELA : EN : RE
I : ABENAMARIN : Ƨ : MERCEE : FOI : DE : DEVS : Q : NVCA : MOVRO : TORNOV : ROSTº : Ƨ : MORRERÕ : DELOS : TAN
TOS : A : Q : Ñ : PODERÕ : DAR : 9TA : REI ABENAMARI : Ƨ : REI : D : GRAADA : FVGIROM : NO : ARAIAL : DE : REI : A
BENAMARIM : ACHAROM : GRANDE : AVER : EN : OVRO : Ƨ : EN : PRATA : Ƨ : OVVEO : REI : DE : CASTELA : MAT
AROM : I : A : FORA : Ƨ : MVITAS : RICAS : MOVRAS : Ƨ : OVTRAS : MOVRAS : MVITAS : Ƨ : MENIN9 : EFIID9 :
CATIVARÕ : HVV : FILHO : DE : ABENAMARI : Ƨ : HVV : SEV : SOBRINHO : Ƨ : HVA : SVA : NETA : DEVS :
SELA : PERA : TODO : SEPRE : BEETO : POR : TÃTA : MERCEE : QUÃTA : FEZ : AOS : XPAÃOS : AMEM.

Era de 1378 (anno 1340) . . . . . Abenamarim senhor da alem do mar confiando de si e do seu grande haver e poder, passou a aquem do mar com a Forra filha de rei de Tunis para perseguir e destruir os christãos. Cercou Tarifa e o seu poder era tanto que não poderam os moradores com tanto poder. E pois rei D. Affonso de Castella viu que não pode ser certo houve receio e per si veio a Portugal demandar ajuda ao IV Affonso, rei de Portugal, seu sogro, e a elle aprouve muito de lha fazer com seu corpo e com seu poder. Logo sem tardança começou o caminho para a fronteira e mandou que os seus se fossem empos elle. De Evora levou cem cavalleiros e mil peões: Gonçalo Esteves Carvoeiro foi por alferes. Lidaram com os mouros elrei de Portugal entendeu em rei de Granada e rei de Castella em rei Abenamarim. E mercê foi de Deus que nunca mouro tornou rosto e morreram d'elles tantos a que não poderam dar conta. Rei Abenamarim e rei de Granada fugiram. No arraial de rei Abenamarim acharam grande haver em prata e ouro, e houve-o rei de Castella. Mataram allia Forra, e muitas ricas mouras, e outras mouras muitas e meninos infindos: captivaram um filho de Abenamarim, e um seu sobrinho e uma sua neta. Deus seja pera todo sempre bento por tanta mercê quanta fez aos christãos. Amen.

Esta interessante memoria parece não ter sido alli posta primitivamente, mas talvez na antiga capella de S. Vicente e de suas irmãs Sancta Sabina e Christeta, donde sería mudada para a sé, quando a capella se reconstruiu no tempo do cardeal D. Henrique [1], e onde parece que D. Affonso IV fundou uma confraria de Nossa Senhora da Victoria, como diz Fonseca na *Evora Gloriosa*.

---

[1] Esta inscripção commemorativa da batalha do Salado é, certamente, muito interessante para os eborenses e uma das mais curiosas que existem na sé. Em perfeita harmonia com a historia são os seus dizeres. A mais antiga referencia que se faz a esta inscripção é, sem duvida, esta:

«Cõsta per letereiro em pedra marmore que está na Cee d'Evora, quando entrão por a porta pryncipal da Ceee da mão direita ó derradeiro esteo do cruzeiro da porta de Sâta cruz: diz a letra o caso todo, e que da nobre cidade d'Evora forão a esta batalha sem cavalleiros e mil piães; e que Gõçalo Estevez Carveiro ia por Allferes e que a batalha fora destes Reis Mouros era de mil trezentos setenta e oito.»

V. Tomo v dos Ineditos de Hist. Portugueza, pag. 107.

Na *Evora Gloriosa* vem mal lida, e já naquelle tempo se não conheciam dez ou doze letras no comêço.

Abenamárim era Aly Abul Hasan ben Otman ben Jacub ben Abdelhac de Beni Merin.—V. Conde, *Hist. de la dominacion de los arabes en España*, tomo 3.º

A *forra filha do rei de tunis* sería Hatima, mulher de Albohacen.

Chron. de D. Affonso XI, pag. 449.

O cêrco de Tarifa é mencionado assim por Conde, tomo 3.º, pag. 133: «... y principiaron a combatirla con maquinas é ingenios de truenos que lanzaban balas de hierro grandes con *nafta*, causando gran destruicion en sus bien torreados muros.»

O rei mouro de Granada era Juzef Abul Hegiag.—Conde, tomo 3.º

Dos despojos achados no campo mourisco fallam todos os historiadores, assim como da grande matança; por exemplo: «... muchos christianos se pasaron en los reales de los Mouros á matar et á cativar los Moros del Rey Albohacen, et las mugeres et los mozos pequeños, et á robar grandes averes de oro et de plata.»—*Chron. de D. Affonso* XI, pag. 449.

Do grande numero de mouros diz o mesmo chronista que foi preciso o espaço de cinco mezes e sessenta galés para passarem á Hespanha, e que

Na capella de S. Lourenço, defronte da sacristia, em duas compridas linhas da parte do Evangelho, lê-se em gothico monachal:

HIC ⁝ IACET ⁝ DONNA ⁝ CŌSTANCIA ⁝ GENERE ⁝ ƺ ⁝
HVMILITATE ⁝ DECORA ⁝ HVIC ⁝ ECLESIE ⁝ ƺ ⁝ PAVPB9 ⁝

depois da batalha apenas em quinze dias e em doze galés volveram a Tunis os que escaparam.

Schoefer na *Historia*, pag. 205 e Mariz nos *Dialogos* affirmam que o nosso Affonso IV atacou o rei de Granada, como se lê na inscripção.

Quando a batalha começou Affonso IV só tinha a seu lado mil cavallos, com os quaes deu tão rijo na mourisma, que os envolveu completamente: «Et por que de las gentes del Rey de Portugal non eran llegados mas que mill omes á caballo et el Rey de Granada tenia siete mill.»

Chron. de D. Affonso XI, pag. 439.

«... en lo mas recio de la sangrienta batalla comenzaron á remolinar-se ciertas cabilas alarabes atropelladas de la caballeria armada y cubierta de hierro que las acometió.»—Ibid., pag. 135.

O logar onde a filha de Affonso IV viera pedir-lhe auxilio, parece ter sido esta cidade de Evora, porque diz Ruy de Pina, na Chronica d'este rei, que D. Maria viera por Terena a Evora, onde D. Affonso e a mulher vieram receber a filha.

Falta observar alguma cousa com respeito ao dia da batalha do Salado, que naturalmente sería indicado nas letras que faltam na pedra.

Romey na *Historia*, tomo 8.º, pag. 165, diz: «Dès que ceux ci furent arrivés à la peña Ciervo, le dimanche 29 octobre 1340.» E continúa dizendo que no dia immediato se ferira a batalha.

Conde, no tomo 3.º da *Historia* citada, a pag. 135 e 136, diz d'este modo: «Fué esta cruel batalla de Wadacelito dia lunes siete de la luna Giumada primera del año setecientos curenta y uno.»

Ora, o dia 7 da lua de Jumadi de 741 da Hegira é o dia 30 de outubro de 1340.—*Spain and Portugal*, da Incyclopedia de Dionysius Lardner-London, 1832, vol. 2.º

O notavel trabalho dos Cartuxos de S. Bruno concorda tambem d'este modo: «L'an 1340 Alfonse se trouve le 30 octobre, à la bataille de Salado.»

Art de vérifier les dates, pag. 815 e 828.

Assim faltarão, talvez, á inscripção as palavras: XXX ⁝ DE ⁝ OVTVBRO ⁝ , ou então o dia da partida de Affonso IV de Evora, o qual não é facil de precisar; mas é mais provavel ser o dia da batalha. Já depois d'isto havermos

GRACIOSA ⁝ OBIIT ⁝ $\overline{E}$ ⁝ $\overline{M}$ ⁝ CCC ⁝ XL ⁝ VIII ⁝ II ⁝ ID9 ⁝
IVNII ⁝ CVI9 ⁝ ANIMA ⁝ REQVIESCAT ⁝ IN ⁝ DEO ⁝ AMEN ⁝ [1]

Segue-se a esta capella a chamada do *Esporão,* por haver sido mandada fazer por João Mendes de Vasconcellos, senhor do morgado do Esporão, como se lê neste epitaphio, da parte do Evangelho o primeiro:

IOÃO MENDEZ DE VASCONÇELLOS S.^{or} DO MORGVADO DO ESPO ⁝
RÃO FILHO DALVARO MENDES DE VASCONÇELLOS E DE DONA LIANOR
RIBEIRA S.^{ra} PROPRIETARIA DESTE MORGVADO ·/. FOI DO CONS.^{o} DEL
REI DOM M.^{el} E DEL REI DOM IOÃO O 3.º E SEV EMBAIX.^{dor} NA CORTE
DOS REIS CATHOLICOS, E DEL REI DOM CARLOS SEV NETTO ·/. E DE
CONSENTIM.^{to} DO DITTO REI DOM IOÃO; E DO CAR.^{l} IFFANTE DOM
AFFONSO SEV IRMÃO, BP.^{o} DESTA CIDADE, E DO CABIDO DESTA SEE
CONFIRMADO PELLO PAPPA CLEMENTE 7.mo MANDOV FAZERNO
ANNO DO S.^{or} DE 1S30 ESTA CAPELLA PARA SEV IAZIGO E DE
DONA BRIOLANIA DE MELLO SVA Z.^{a} MOLHER, E DE TODOS SEVS
SVBCESSORES QVE LHERDASSEM O DITTO MORGADO D'ESPO ⁝
RÃO ·/. DOVTOVA, DE HVA MISSA QVOTIDIANA PARA SEMPRE IN
CLVINDO NELLA AS QVE O MORGVADO IATINHA DOBRIGAÇÃO
ESTÁ AQVI SEPVLTADO COMO A DITTA DONA BRIOLANIA DE ME
LLO SVA MOLHER, FALLECERÃO AMBOS NO ANNO DE 1S41:[2]

A parte esquerda de quem entra na sacristia, em pedra mar-

---

escripto vimos uma copia, aliás bem feita no seculo passado, que conjectura dever ser preenchida a falta pela palavra: ANNOS: Pertence a copia ao talentoso J. S. L. Esquivel.

[1] No livro dos *Anniversarios*, copia do antigo, ha esta commemoração em 12 de junho: «Aos 12 de Junho fazem aniv.º por D. Constança, molher de Simão dos Lagos, e faz-se por huma courela de Almoinha por baixo das fontes, e por hum ferragial que he a par do Pombal, e são 5 libras.»

[2] Omittimos as demais inscripções d'esta capella por extensas e menos interessantes.

more encravada quasi ao rez do chão na parede, lê-se esta inscripção, commemorativa dos altares que havia na egreja, unidos ás columnas da grande nave semelhantes ao que ainda existe de Nossa Senhora do Anjo.

ALTARIA : VGNIS : GLOSE : MTS : DNI :
SANCTE : MIE : SCI : BARTLOMI : APLI : SA
NCTI : IHIS : BBTE : SCI : LAVRECII : MRIS :
SCI : IVLIANI : MRIS : SCI : BONIFACII : MRIS :
SCOR : VICECII : SAVINE : ℣ : XPTIS : MA
RTR : SCE : LVCIE : MRIS : S : AVCTORITA
TE : OIVM : DNI : CONSACRATA : PER : SE
RVITVVTE : MANVS : FERNÃDI : LICET : I :
DINI : TVC : EPI : ELBORESIS : E : M :
CCC : XL : VI : ~~~~
℣ : SANCTI : MANCII : [1]

Descendo pela nave esquerda, na *capella de Sancta Anna* existe no pavimento uma pedra com esta letra, de triste recordar:

SACERDOTES FU
ZILADOS PELOS
FRANCEZES EM
1808 L.º DOS OBI
TOS DE 1814. F. 51.
MIHI EGO
VINDICTA RETRIBUAM [2].

[1] O bispo D. Fernando, referido na inscripção, foi D. Fernando Pires, ou Martins, que governou o bispado até 1314.

[2] O secretario do Sancto Officio, José Joaquim da Silva, eleva a mais de 40 o numero dos sacerdotes mortos pelos francezes dentro e fóra da cidade. O numero dos seculares de ambos os sexos sobe a mais de 200.

V. *Evora Lastimosa.*

Taes são as inscripções que na sé de Evora chamam a attenção do antiquario visitante, faltando apenas duas, mortuarias, que se não vêem por cobertas uma com madeira, outra com um tapete. Está uma d'ellas no cruzeiro sobre a campa do arcebispo D. Frei Joaquim de Sancta Clara Brandão, e a outra na capella do Sanctissimo, cobrindo os ossos do arcebispo D. Simão da Gama [1].

Desçamos agora á crasta da sé. Na primeira capella, á esquerda, existem duas campas no pavimento, cada uma com sua inscripção gothica, assim concebidas:

aqui : jaz : dõ : fernãdo : de :
castro : capitã : q̃e : foi : dest
a : cidade :

---

aqui : jaz : dõ : dioguo : de
castro : capitã : q̃e : foy : desta
cidade.

Na segunda capella existe o tumulo do fundador da claustra, com a inscripção já conhecida, e alli se vê a antiquissima campa do bispo de Evora *Juliano,* egualmente transcripta.

Existem no chão da claustra tres campas de antigos prelados d'esta egreja, uma só das quaes sabemos ser do fundador da sé, D. Durando Paes.

A campa veneranda do fundador da sé de Evora não deve permanecer por mais tempo desprezada alli, mas em logar conveniente, por modo que o viajante bemdiga o zelo do illustrado cabido de Evora, no manifestado respeito por similhante monumento.

E se no seculo XVIII se mandou embutir na capella do Sanctissimo a outra inscripção que lhe respeita, não é muito que na

[1] Estas inscripções vêm nos *Esboços etc.*, por vezes citados.

vasante já do chamado das luzes se faça o mesmo á campa com a estatua de D. Durando Paes.

Sahindo da sé pela *porta do sol,* vê-se á esquerda um ediculo, e nelle um tumulo com esta letra:

anniverssairo

por ꝑ. mestre [1]

e no fundo do mesmo ediculo uma pedra, em que se lê:

CREDO IN DEVM PATREM OMNIPOTENTE CREATORE CELI ETERRE ET IN IESVM XPM FILIVZ EIVS VNICVM DOMINVM NOSTRV QVI CONCEPTVS EST DE SPV SANCTO NATVS EST EX MARIA VIRGINE PASVS SVB PONTIO PILATO CRVCIFIXVS MORTVVS ET SEPVLTVS DESCENDIT AD INFERNOS TERTIA DIA REFVRREXIT A M ORTVIS ATCENDIT AD CELOS SEDIT AD DEXTERAM DEI PATRIS OMNIPOTENTIS INDE VENTVRVS EST IVDICARE VIVOS ET MO RTVOS CREDO IN SPIRITVM SANCTVM ET SANCTAM ECCLES IAM CATOLICAM SANCTVM COMVNIONEM REMISSIONE M PECATORVM CARNIS RESVRRECTIONEM VITAM ETERNAM AME.

Concluindo esta memoria sobre a sé de Evora, mencionaremos os excellentes trabalhos em madeira no côro, que tem a data de 1562. Segundo o gosto da epocha, alli se vê o christianismo envolto com o paganismo nos baixos relevos e decorações d'aquelle todo architectonico. Ha nelles bom desenho e optima execução em toda a obra.

O visitante que for á sé de Evora não deve deixar de ver o côro d'ella, por certo dos melhores do reino.

---

[1] A respeito de Pedro Mestre diz a copia do livro dos *Anniversarios:* «Item no dito dia (14 de Julho) fazem aniv.º por Pedro Mestre... e são para este aniv.º 25 libras.»

Algumas alfaias e preciosidades tem tambem esta sé, de que se deve fazer menção.

A collecção de paramentos é vasta, variada e rica.

Nella se mostra um pallio com pinturas de algum mimo, feitas por um frade do convento dos Jeronymos do Espinheiro, com tintas por elle preparadas de flores do campo. Affirma-o a tradição.

O pontifical de tela de prata, o de tela encarnada, bordados a ouro, e o preto foram dadiva do arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima. Haviam sido mandados fazer em Roma por D. Maria I para os offerecer ao seu confessor, o arcebispo de Thessalonica, cujas armas têm. Não tinham sido usados quando Botelho de Lima os comprara.

O *Sancto Lenho* é dos objectos de maior valor da sé. Grande não é o trabalho artistico d'esta peça, mas consideravel o seu valor intrinseco, nos muitos brilhantes, alguns de grande praça, e nas demais pedras diversas, que tem [1].

Esta preciosidade tem uma breve historia.

Por morte do arcebispo D. Fr. Domingos de Gusmão, da casa de Medina Sidonia, ficaram á Mitra algumas pedras preciosas, dadiva d'aquelle prelado. O seu successor, D. Fr. Luiz da Silva, comprou as demais, de modo que aquella joia foi por elle mandada fazer. Foram avaliadas naquelle tempo as pedras em réis 20:384$653, valendo hoje, seguramente, o dobro d'esta quantia [2].

---

[1] V. codice $\frac{\text{CVI}}{1-27}$ da Bibliotheca de Evora, onde, na vida do arcebispo D. Fr. Luiz da Silva, se lê uma noticia do *Sancto Lenho*.

[2] Ha na Bibliotheca de Evora um papel solto, por letra do ultimo chantre, Antonio Joaquim da Silva e Sousa, onde se lê que o bispo D. Luiz Pires, por escriptura de 18 de abril de 1468, doara para o Sancto Lenho 42 pedras preciosas, e entre ellas duas saphiras, e que D. Frei Luiz da Silva comprara no leilão de D. Frei Domingos de Gusmão as restantes, que por escriptura de 20 de maio de 1693 as doara para o Sancto Lenho. Termina o apontamento relacionando d'este modo as pedras:«—diamantes rosa, 840; rubis, 402; esmeraldas, 180; saphiras, 2; jacintho oriental, 1; camapheo, 1; ao todo 1426.»

Tambem possue esta sé um antigo calice de ouro, offerecido em 1587 pelo dr. Paulo Affonso, como nelle se lê [1].

Tem um baculo de prata dourada, de bom trabalho artistico, e que se suppõe ter sido mandado fazer pelo cardeal D. Henrique [2].

A custodia de prata dourada já existia em 1541. Conjectura-se ter sido feita de 1480 a 1490 [3].

Resta-nos apenas convidar o visitante da sé a subir ao paço archiepiscopal, onde se guarda ainda o quadro que existiu na capella mór antiga até 1718, bem como alguns mais, em numero de onze, de menores dimensões, que lá estiveram tambem. Parecem não ser do mesmo pincel, sendo o da Virgem de grande valor, e naquelle estylo e gosto o primeiro de Portugal [4].

Os onze quadros, acima referidos, são: o Nascimento da Virgem; a Virgem indo para o templo; o Consorcio; a Annunciação; o Sonho de S. Joaquim; o Nascimento de Christo; a Apresentação no templo; a Adoração dos Magos; a Circumcisão; a Fuga para o Egypto; e a Morte da Virgem. De doze era a collecção: o que falta está na Bibliotheca: é o Menino entre os Doutores.

---

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. 11, pag. 340.

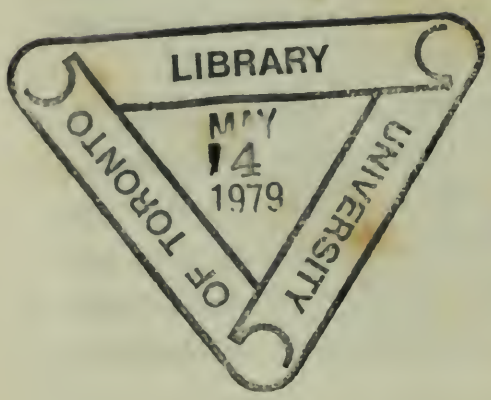
[2] Idem, pag. 53.

[3] Idem, pag. 161.

[4] «Le tableau de la Vierge entouré d'anges est admirable dans toutes ses parties. C'est, de tous les tableaux gothiques que j'ai vus en Portugal, celui auquel je trouve le plus de mérite. Il me rapelle celui de l'autel de Gand. Il est infiniment mieux que les douzes autres, et il pourrait difficilement être l'oeuvre du même pinceau.» Raczinski — *Les arts en Portugal*, pag. 354.

O sr. dr. Augusto Filippe Simões julga poder attribuir-se este excellente quadro a Memline.

FIM.


LIBRARY
MAY
14
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

Vende-se por 160 réis

ESCRIPTOS DO MESMO AUCTOR QUE SE ENCONTRAM Á VENDA:

Estudos da lingua portugueza 350

[illegible]noelinho d'Evora (romance historico) 500

Carta ao sr. Soromenho sobre um ponto de historia antiga 60

Vasco da Gama (poemeto) 100

Um duello nas sombras ou D. Francisco Manoel de Mello (romance historico) 500

Historia de Portugal (em mappas) 160

Esboços chronologico-biographicos dos Prelados da Egreja eborense 200

Historia breve de Coimbra, annotada em edição de luxo 250

NO PRÉLO:

Os Jesuitas na côrte (romance historico)

Miscellanea historico-romantica.

ESGOTADAS:

Cancioneiro Portuguez

O Rancho da Carqueja (romance).

E outros escriptos.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
BR
0000991

01 804954

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 10 14 04 002 0